

# “Dívida externa é marginal”

10 MAI 1989

por Airton Seligman  
de São Paulo

A dívida externa não é a questão central da crise econômica brasileira. O problema principal está na vinculação do sistema monetário às instabilidades políticas e na ausência de um ajuste fiscal forte o suficiente para promover uma diminuição do tamanho do Estado, um ousado processo de privatização e uma forte redução de subsídios e incentivos fiscais. A análise foi feita por quatro economistas do centro de estudos macroeconômicos Serfina S.A., pertencente à Moinho Santista, que argumentam ainda que o setor financeiro (bancos

de investimentos, financeiras) deve ser reestruturado a fim de retomar seu papel de intermediador.

Segundo eles, esta função desapareceu quando o Estado passou a absorver crescentemente a poupança do setor privado.

“A questão da dívida externa é marginal”, afirmou o economista José Eduardo Favaretto. Para ele, a transferência de recursos para o exterior vem caindo bastante — “de 5,5% do Produto Interno Bruto (PIB) em 1984 para menos de 3,5% do PIB em 88” — enquanto o custo de rolagem da dívida interna projetada para este ano é de mais de 5%.

Sem credibilidade para atacar a questão principal, concordam todos os economistas, o governo convive hoje com as pressões inflacionárias do futuro: preços defasados no atacado e nas tarifas públicas, pressões salariais e o custo da reposição dos estoques.

Estas pressões, afirmou Eduardo Bom Ángelo, provocarão no segundo semestre uma explosão inflacionária parecida com a do final do Plano Cruzado. Segundo ele, a inflação no final de julho atingirá 20%, levando o governo a implantar um novo choque econômico. Este choque, explica, teria “o apoio tácito dos partidos para viabilizar as eleições de novembro”.

“Mas nem tudo na crise econômica é culpa do Executivo”, acredita Ulysses V. Diniz Júnior, que delega ao Congresso alguma responsabilidade sobre os desajustes econômicos, como o “lobby contra a privatização”.

Para as empresas, 1989 será um ano “turbulento” no que se refere a investimentos. Considerando o dólar, ouro e bolsas como opções “muito arriscadas” para a manutenção do patrimônio, eles acreditam que o melhor seria optar por uma política agressiva de investimentos em suas próprias bases.